


Tradição da Igreja e renovação eclesial em tempos do pontificado de Francisco

Tradition of the Church and ecclesiastical renewal in times of Francis' pontificate

Mercio José Cauduro ^[a] 

Santa Maria, RS, Brasil

^[a] Faculdade Palotina de Santa Maria (FAPAS)

Tiago de Fraga Gomes ^[b] 

Porto Alegre, RS, Brasil

^[b] Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Como citar: CAUDURO, Mercio José; GOMES, Tiago de Fraga. Tradição da Igreja e renovação eclesial em tempos do pontificado de Francisco. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 16, n. 02, p. 274-292, maio/ago. 2024. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.16.002.DS06>.

Resumo

O presente estudo, a partir de uma abordagem teórico-bibliográfica, busca analisar a hipótese de que o pontificado de Francisco se caracteriza por um movimento de renovação eclesial, enquanto recepção do amplo processo de *aggiornamento* posto em curso pelo Concílio Vaticano II. Pretende-se abordar a Tradição viva da Igreja e a sua relação com o processo de renovação eclesial. Tem-se em vista que se faz necessário aprofundar a compreensão teológica da Tradição da Igreja, a fim de evidenciá-la como uma realidade dinâmica que é condição de possibilidade para toda e

^[a] Pós-Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Doutor em Teologia pela Pontifícia Università Gregoriana (PUG) – Itália, e-mail: merciocauduro@terra.com.br

^[b] Pós-Doutor pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e-mail: tiago.gomes@puhrs.br

qualquer autêntica renovação eclesial. Se a Tradição cristã fosse uma realidade imóvel e engessada, estaria fadada a morrer. A Igreja tem sua origem e continuidade na realidade da Tradição, a qual é constitutiva ao seu ser e agir. A fidelidade à Tradição requer atualização em face aos novos contextos e desafios, com o intuito de fomentar uma vivência autêntica do Evangelho.

Palavras-chave: Tradição. Igreja. Renovação. Atualização. Papa Francisco.

Abstract

The present study, from a theoretical-bibliographical approach, seeks to analyze the hypothesis that Francis' pontificate is characterized by a movement of ecclesiastical renewal, as a reception of the broad process of aggiornamento set in motion by the Second Vatican Council. The aim is to address the living Tradition of the Church and its relationship with the process of ecclesiastical renewal. It is considered that it is necessary to deepen the theological understanding of the Tradition of the Church, in order to highlight it as a dynamic reality that is a condition of possibility for any and all authentic ecclesiastical renewal. If Christian Tradition were an immobile and rigid reality, it would be doomed to die. The Church has its origin and continuity in the reality of Tradition, which is constitutive of its being and acting. Fidelity to Tradition requires updating in the face of new contexts and challenges, with the aim of fostering an authentic experience of the Gospel.

Keywords: Tradition. Church. Renovation. Update. Pope Francis.

Introdução

Uma das características fundamentais do pontificado de Francisco consiste em colocar em movimento um processo amplo de renovação eclesial em comunhão e em continuidade com o processo de *aggiornamento* iniciado pelo Concílio Vaticano II. São bem conhecidas, no entanto, as diversas resistências provindas de determinados setores da Igreja a este processo de renovação. De fato, o contexto eclesial hodierno está marcado, em maior ou menor medida, por uma crescente resistência a tudo o que se refere à renovação da teologia, da Igreja, da espiritualidade e da ação evangelizadora. Nota-se a tentativa de retorno a um determinado período da história para tomá-lo como referência para o momento presente.

Neste contexto, surge a necessidade de aprofundar a discussão quanto à compreensão da Tradição de fé da Igreja. A Tradição da Igreja consiste num limite ou empecilho à renovação eclesial ou, pelo contrário, evidencia-se como realidade constitutiva e fundante de todo o processo de renovação eclesial a fim de que a Igreja cumpra sua missão de transmitir com eficácia a fé cristã? Em última instância, somente uma adequada compreensão da realidade da Tradição possibilita uma resposta consistente à questão em causa.

Neste estudo abordar-se-á a Tradição viva da Igreja e sua relação com o contínuo e necessário processo de renovação eclesial. O foco do artigo está em aprofundar a compreensão teológica da Tradição de fé da Igreja, procurando evidenciar que se trata de uma realidade viva e dinâmica, cuja compreensão se aprofunda e se amplia ao longo da história, apresentando-se como condição de possibilidade para toda e qualquer autêntica renovação eclesial.

Este artigo não objetiva apresentar uma determinada proposta de renovação eclesial, mas evidenciar a importância e necessidade de uma adequada compreensão da Tradição da Igreja como condição imprescindível para o contínuo processo de renovação que a Igreja necessita realizar para cumprir a sua missão de transmissão da fé.

1. Tradição: tudo o que a Igreja é e acredita

Tendo como referência fundamental a compreensão de Tradição apresentada pela *Dei Verbum* (n. 7-10), abordar-se-á a Tradição cristã sob dois aspectos bem precisos: a Tradição como realidade constitutiva à revelação e à Igreja (sentido amplo de Tradição) e como realidade viva, dinâmica e que, conseqüentemente, progride na Igreja.

1.1 A Tradição como realidade constitutiva da revelação e da Igreja

A tradição tem importância não somente sob o aspecto religioso, mas mais fundamentalmente ainda, ela tem suas raízes no horizonte antropológico. Consta-se a pertinência da tradição ao ser humano no fato de que ela possibilita a identidade de uma pessoa ou de um grupo humano ao longo da história na medida em que “ela ‘enraíza’ as pessoas num chão ontológico. Dá-lhe uma referência vital: uma pátria, um lar, um ninho. Arrancar alguém de sua tradição significa desenraizá-lo, e por isso destruí-lo cultural e mesmo fisicamente” (Boff, 2015, p. 239). Sendo assim, torna-se compreensível que a “Tradição da Igreja e na Igreja participa da necessidade antropológica que toda cultura tem de viver *de* e *em* uma tradição”. O ser humano se constitui como sujeito dentro de uma linguagem, cultura, sistema de valores e relações que o antecedem e que recebe como tradição. “Nenhum gesto, nenhuma palavra humana pode ser entendida fora de um quadro de significado já dado e transmitido. Só se pode viver dentro de uma tradição cultural” (Libanio, 2010, p. 122).

A realidade da tradição não é somente uma necessidade humana, um dado antropológico fundamental, mas é também uma dimensão constitutiva da própria economia salvífica da Trindade Santa. A compreensão da Tradição cristã é essencialmente “autotradição”, enquanto Deus Pai se dá a conhecer no Filho pelo Espírito Santo (Kasper, 1989, p. 92-99). “A Tradição cristã fundamenta-se em Deus, na sua Revelação, cujo cume, centro e base é Jesus Cristo” (Lopes, 2012, p. 99). Com efeito, na origem da Tradição cristã está a própria pessoa de Jesus Cristo, o enviado do Pai, que transmitiu o seu ensinamento da Boa Nova do Reino de Deus aos seus discípulos para que estes, por sua vez, o mantivessem íntegro e o transmitissem a todos os povos da terra (Mt 28,18-20) (Fischella, 2003, p. 760; Congar, 1964a, p. 15-44). Por isso, pode-se afirmar que “em termos absolutos, a grande Tradição ou *Parádosis* se identifica com a própria autocomunicação de Deus em Jesus Cristo e no Espírito” (Boff, 2015, p. 242)².

Nesta perspectiva, a Igreja tem plena consciência de que sua origem está intrinsecamente relacionada à realidade da Tradição, a qual é constitutiva ao seu ser e agir. “A comunidade eclesial nasce, alimenta-se da grande Tradição de fé. Mas também a transmite, sempre atualizada, para as gerações seguintes”. Daí que a “Tradição é a realidade óbvia para uma comunidade que tem consciência de não criar arbitrariamente sua fé, mas de a receber como dom” (Libanio, 2000, p. 367). Por esta razão, é plausível afirmar que, num sentido amplo,

tradição é igual ao princípio de toda economia da salvação cristã, já que esta é apresentada à humanidade como um grande processo de tradição que, partindo do Pai, por meio das missões do Filho e do Espírito vai atingir a toda Igreja e por intermédio dela a toda a humanidade. Tradição inclui, por conseguinte, tudo o que é transmitido: Escritura, sacramentos, instituições eclesiais. Em suma, é toda a realidade do cristianismo, que supera toda enunciação textual. É a verdadeira tradição apostólica (Libanio, 2000, p. 368).

Não poucas vezes, a Tradição foi compreendida como realidade que se realiza tão somente por via verbal, por meio da pregação da Igreja. Contudo, a *Dei Verbum*, ao abordar o tema da Tradição, não se restringe somente a este aspecto, mas “insiste em que toda a vida da Igreja é que deve ser transmitida; assim, pela Tradição, conserva-se e se desenvolve não só a doutrina, mas também a vitalidade de toda a Igreja” (Ruiz Arenas, 1995, p. 181)³. De fato, para a *Dei Verbum* a Tradição é uma realidade viva, dinâmica e englobante: “abrange tudo quanto contribui para a santidade de vida do Povo de Deus e para o aumento da sua fé; e assim a Igreja, na sua doutrina, vida e culto, perpetua e

¹ “O princípio cristão da tradição funda-se, sim, no fato de que Deus se revelou em Israel e em Jesus Cristo uma vez por todas como salvação dos homens. Daí advém a necessidade de transmitir e mediar a todas as gerações subsequentes a notícia deste evento e sua força redentora” (Pottmeyer, 2017, p. 841).

² A revelação divina, cuja finalidade é a salvação da humanidade, é a perspectiva a partir da qual se compreende o que é a Tradição da fé cristã e qual sua necessidade, pertinência ou importância. “Tradição, em teologia, quer dizer a transmissão da Revelação ouvida de Deus e recebida pela humanidade para outras gerações de seres humanos, que se vão apropriar dela e considerá-la sua. O conteúdo da Tradição, ou seja, o que se transmite, é a própria Revelação, quer dizer, os eventos ou as percepções humanas nos quais foi recebida a comunicação de Deus e sua explicitação. [...] Entende-se por Tradição, então, o amplo conjunto de tudo o que a Igreja vive e crê desde suas origens até hoje. E essa Tradição engloba toda a riqueza infinita da vida da Igreja: Escritura, liturgia, práticas pastorais, instituições. A Tradição identifica-se, nesse sentido, com a totalidade da Igreja viva, em sua vida, nos seus ritos, nas suas crenças” (Bingemer, 2012, p. 37-38).

³ Congar põe em evidência uma compreensão ampla e integral da Tradição cristã ao afirmar que “a Tradição é transmissão da fé, transmissão da vida cristã, que floresce no comportamento cristão em nossas vidas, na confissão de fé diante dos homens e no louvor a Deus” (2003, p. 59).

transmite a todas as gerações tudo aquilo que ela é e tudo quanto acredita” (DV, 8). Torna-se decisivo compreender que “a verdadeira tradição não é servilismo, é fidelidade” (Congar, 2003, p. 13)⁴.

O teólogo Bruno Forte aprofunda com propriedade e perspicácia a razão de ser da Tradição para o cristianismo, sua natureza mais profunda, bem como o fato de ela ser uma realidade viva que transmite vida:

A Palavra consignada na Escritura é vitalmente transmitida na *tradição* da fé eclesial. O fato de o Evangelho exceder o texto escrito, a não-objetivabilidade do Espírito com relação à ‘letra’ e a característica de presença atual do evento de Cristo, ligada à ação do Espírito para assistir a Igreja na tarefa de interpretar a Palavra, são as raízes do conceito teológico de tradição: longe de ser mecânica repetição do que já está morto, a tradição da fé é vida que transmite vida. A autocomunicação divina, realizada na revelação, suscita o povo de crentes que – de testemunho em testemunho – transmite a todas as gerações a memória do Eterno, ligada ao texto da Escritura fixado no cânon, mas também ao contexto do anúncio e da praxe crente, no qual o Espírito opera para conduzir a Igreja à plenitude da verdade divina. Gerada pela Palavra, a comunidade se torna lugar vivo da Palavra, que por ela alcança e suscita outros filhos para Deus. Nesse sentido, a tradição é transmissão da fé, transmissão da vida cristã: graças a ela a memória da fé se faz presença e experiência atual, pelas quais o advento realizado uma vez por todas em Jesus Cristo vem fazer-se contemporâneo ao hoje das pessoas na força do Espírito Santo. Nesse sentido ainda, poder-se-ia afirmar que a tradição viva da fé é a história do Espírito na história de sua Igreja (Forte, 2002, p. 52).

A Tradição cristã está intrinsecamente relacionada à economia da salvação porquanto transmite, conservando, interpretando e aprofundando, a realidade da revelação divina na Igreja e por seu intermédio à toda humanidade (Soares, 2015, p. 981). Sendo assim, a Tradição cristã contém e expressa o que a Igreja vive e crê.

1.2 A Tradição como realidade viva e dinâmica

Não há Tradição viva como simples repetição, enquanto ação mecanicamente passiva, mas sim como reinterpretação criativa. Nesse sentido, Claude Geffré resgata o conceito gadameriano de Tradição como convergência dinâmica entre passado e presente, evitando assim, entendê-la como mera transmissão passiva (1989, p. 7-9; ver: Gadamer, 1998, p. 71). É preciso frisar que

a verdade revelada só pode ser conhecida e compreendida através de aproximações interpretativas pela via da Tradição, que veicula o legado da fé, e toda Tradição, no fundo, não está em contradição com o conceito de *produção* ou mesmo de *inovação* (GOMES, 2020, p. 62).

Nesse sentido, Geffré acredita que “a verdadeira Tradição é feita de retomadas criativas” (2004, p. 75).

Para David Tracy, a pretensão iluminista de se desvencilhar de todo preconceito criou uma espécie de aversão à Tradição (1981, p. 100-101). A partir da *Aufklärung*, o termo *preconceito* recebe um significado negativo. Contudo, Gadamer defende que “em si mesmo, ‘preconceito’ (*Vorurteil*) quer dizer um juízo (*Urteil*) que se forma antes da prova definitiva” (1999, p. 407). *Stricto sensu*, preconceito não é

⁴ Fisichella enfatiza que “a Tradição consiste na preservação dinâmica da doutrina, da vida e da liturgia da Igreja, transmitida de geração em geração desde o tempo dos Apóstolos. A Tradição, portanto, não deve ser considerada como um conjunto de doutrinas que os Apóstolos comunicaram secretamente e de forma não escrita; pelo contrário, ela expressa a ‘regra da fé’ ensinada de forma pública e preservada para que a ‘viva voz do Evangelho’ (DV 8) nunca deixe de ressoar no coração das pessoas” (2023, p. 23).

sinônimo de opinião pejorativa, sem exame crítico, ou de falso juízo. Gadamer busca reabilitar o conceito de Tradição após a *Aufklärung*, proporcionando entender que não há compreensão efetiva sem inscrição em uma dada Tradição.

Se a Tradição cristã fosse compreendida como uma realidade imóvel, fixa e engessada, estaria fadada a morrer. A Tradição, sob a perspectiva bíblico-teológica, refere-se à vida, à dinamicidade, ao movimento. A Tradição da fé é vida que gera vida, exatamente porque transmite vida. “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). E o mandato missionário que a Igreja recebeu é claro: “Como o Pai me enviou, também eu vos envio” (Jo 20,21). Cabe à Igreja transmitir a realidade que a gerou, que a mantém e que é a sua razão de ser: a salvação que é dom e obra da Trindade (Mc 16-15-16; Mt 28,18-20).

A partir desta constatação teológica de que a Igreja transmite uma realidade salvífica, compreende-se que a Tradição cristã está inserida neste dinamismo de transmissão que, por sua natureza, requer fidelidade e atualização para que possa ser acessível aos homens e mulheres de cada época. Eis porque Yves Congar afirma com perspicácia: “a Tradição é ao mesmo tempo continuidade e progresso, conservação e desenvolvimento” (2003, p. 158).

O fato de a Tradição ser uma realidade viva, dinâmica e que progride na Igreja foi afirmado com clareza pelo Concílio Vaticano II:

Esta Tradição, que se origina dos apóstolos, progride na Igreja sob a assistência do Espírito Santo. Com efeito, progride o conhecimento tanto das coisas como das palavras que constituem parte da Tradição, quer mercê da contemplação e do estudo dos crentes, que as meditam no seu coração (cf. Lc 2,19,51), quer mercê da íntima inteligência que experimentam das coisas espirituais, quer mercê da pregação daqueles que, com a sucessão do episcopado, receberam o carisma da verdade. Isto é, a Igreja, no decurso dos séculos, caminha continuamente para a plenitude da verdade divina, até que nela se realizem as palavras de Deus (DV 8).

Neste texto os Padres conciliares, além de afirmarem que a Tradição progride na Igreja, explicitam o modo como se dá este progresso, enfatizando que a Igreja, em seu peregrinar histórico, busca sem cessar a apreensão da plena verdade divina, a qual somente chegará ao seu término na plenitude dos tempos. Isso nos permite compreender que a Tradição cristã, permanecendo sempre a mesma, cresce:

a verdade da Tradição tende sempre ao seu cumprimento e nunca está completa em si mesma. Em suma, o progresso é exigido precisamente pela verdade da fé, pela Sagrada Escritura e pela Tradição que são a sua fonte. No entanto, será um *verdadeiro* progresso na medida em que mantiver um novo conteúdo de maneira coerente com o fundamento que o sustenta e, portanto, com a revelação e a fé: um progresso homogêneo que se desenvolve ao longo dos séculos, mantendo o peculiar *paradoxo* da Tradição entre *imutabilidade* e *desenvolvimento* (Fischella, 2023, p. 37)⁵.

A Tradição é sempre recebida, é transmitida, vem de longe e ao mesmo tempo é atual, viva, dinâmica, progride sem mudar, porque o seu progresso se dá enquanto aprofundamento e contínua atualização. “Como tal, a Tradição é *recebida*. Na Igreja tudo vem de longe, de certas origens que representam as fontes da História da salvação: o cristianismo é essencialmente algo herdado, algo

⁵ Nesta mesma perspectiva situa-se Congar ao afirmar que “a tradição dos Apóstolos é, ao mesmo tempo, imobilidade e atualidade, recordação de fatos e expansão do seu sentido, conformidade com o que foi realizado de uma vez por todas e presença sempre atual e dinâmica daquilo que foi dado de uma vez por todas” (1964a, p. 40).

dependente em relação aos Pais na Fé”. Contudo, deve-se afirmar com a mesma insistência que “a Tradição é também atual. Embora antiga, é sempre fresca, é viva: com base em seu tesouro herdado, ela responde às instâncias inéditas da época atual” (Congar, 2003, p. 157). E é exatamente por esta razão teológico-pastoral fundamental que se compreende que

a tradição ou permanece um depósito vivo, ou está destinada a sofrer sua própria decomposição. Não há alternativa a essa visão da fé que, por sua natureza, é dinâmica e tende à sua plenitude como dom do Espírito. A fé nunca poderá ser uma peça de museu (Fisichella, 2023, p. 34)⁶.

A Tradição possui dois aspectos igualmente vitais: um de desenvolvimento e outro de conservação (Congar, 2003, p. 119-121). Por isso, a Tradição cristã não é simplesmente uma transmissão mecânica. Um sujeito transmite a outro sujeito um conteúdo. A Tradição é acolhida por um sujeito ou uma comunidade. Estamos no âmbito de uma realidade essencialmente viva e dinâmica. A Tradição é recebida por um sujeito, ou seja, por um vivente (Congar, 2003, p. 114). Vê-se com suficiente clareza que a Tradição “é viva porque a verdade que contém em si é mantida viva por sujeitos que, com um trabalho concreto de interpretação, crescimento, adaptação e integração, desenvolvem a verdade do *depósito da fé*” (Fisichella, 2023, p. 30).

2. O Espírito, a Tradição e a Igreja

A autocomunicação de Deus na história traz consigo a necessidade de ser transmitida. O desejo salvífico de Deus reclama transmissão, pois Deus “quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade” (1Tm 2,4). Daí decorre que a transmissão da Tradição se insere no próprio dinamismo da história da salvação. No processo de transmissão da Tradição da fé, o Espírito é o seu Sujeito transcendente e a Igreja o seu sujeito histórico.

2.1 O Espírito: sujeito transcendente da Tradição

No processo de transmissão e reinterpretação da Tradição, a Igreja tem plena consciência de ser assistida pelo Espírito Santo prometido por Jesus Cristo (Jo 14,16-17.26; 15,26; 16,13-15).

Trata-se de uma ação transcendental do Espírito Santo, no interior da história e da Igreja, que não se identifica com nenhum fato concreto delimitável nem ato concreto. É um dinamismo. Age nas e pelas ações humanas (Libanio, 2014, p. 407).

Com palavras incisivas Congar afirma: “o Espírito da verdade, o Paráclito, é o Sujeito transcendente da Tradição. Na Tradição o Espírito é o exegeta do Verbo, como o Verbo, em Jesus Cristo, foi o exegeta do Pai (cf. Jo 1,18: ‘*exegesato*’)” (2003, p. 172)⁷.

⁶ A Tradição é “imobilidade e atualidade ao mesmo tempo, evocação dos fatos e explicação do seu sentido, conformidade com o que foi depositado de uma vez por todas e presença sempre atual e dinâmica daquelas mesmas coisas que foram prodigalizadas uma vez para sempre. Ela é comunicação e atualidade da única fonte” (Congar, 2003, p. 158).

⁷ A teologia joanina enfatiza que Jesus, dirigindo-se aos discípulos, afirma que o Espírito Santo, que é o “Espírito da verdade” (Jo 16,13), “receberá do que é meu e vos anunciará” (Jo 16,14). Referindo-se a esta perspectiva joanina Rino Fisichella comenta: “O Espírito, como se pode notar, não tem um conteúdo seu para transmitir; a sua obra, contudo, não será um mero repetir o passado da história e pregação de Jesus. O seu anúncio será uma *verdadeira* explicação que será dada à Igreja, tanto que constituirá um conteúdo revelador não alternativo àquele de Cristo, mas já presente nele e tão coerente com ele a ponto de formar uma coisa só. A ação pneumática, portanto, realiza a contemporaneidade entre o que a revelação de Cristo em si já possuía e aquilo que a Igreja vive e compreende na sua história. Esta é verdadeira Tradição e palavra viva que permanece na história como referência normativa da revelação crística” (2002, p. 247).

E a Tradição progride na Igreja sob a ação do Espírito Santo. Com efeito, é o Espírito Santo, que age em cada cristão e na Igreja em sua totalidade, quem garante a autenticidade do desenvolvimento da Tradição.

A Igreja Católica está perfeitamente consciente de não poder atribuir à Tradição o coeficiente de segurança, de autoridade e o valor de norma que lhe atribui, se não soubesse que é assistida pelo Espírito Santo, em virtude das promessas do Senhor. O único e mesmo Espírito, o Espírito de Cristo, 'que falou por meio dos profetas' e que constituiu os apóstolos como testemunhas, é o princípio de vida e de consciência da Igreja, o Sujeito que assegura à Tradição, da qual a Igreja vive, a sua identidade profunda (Congar, 2003, p. 66).

A teóloga Maria Clara Bingemer, referindo-se à relação entre o Espírito Santo e a Tradição, pondera:

O Espírito (*Pneuma*) é o grande artífice da Tradição. Ele é que vai descortinando o novo sobre a verdade sempre idêntica e original de Jesus Cristo, vivida nas diferentes épocas, contextos e realidades. Seu papel é inspirar, assistir a Igreja, recriar constantemente o mundo e o ser humano, *re-dizer* a cada momento – no interior dos corações e no seio da Igreja – a Palavra de Deus. A Igreja e sua Tradição, então, constituem em certo sentido apenas o órgão concreto e portador da tangibilidade histórica da compreensão de fé da Igreja Universal, que, em última instância, lhe é transmitida pelo Espírito de Cristo e pela vitória de sua graça (Bingemer, 2012, p. 41).

O Espírito é o sujeito transcendente do processo de transmissão e compreensão da Tradição e o princípio que garante a fidelidade deste dinamismo⁸. Em relação à Tradição, o Espírito Santo é “o seu sujeito mais profundo e mais decisivo, embora ‘metahistórico’” (Congar, 2003, p. 65).

2.2 A Igreja: sujeito histórico da Tradição

Se o Espírito é o sujeito transcendente da transmissão e compreensão da Tradição cristã, o sujeito histórico deste mesmo processo é toda a Igreja, Povo de Deus reunido pelo Pai no Filho pelo Espírito Santo (LG 4), a qual tem como missão a transmissão da Tradição e sua contínua reinterpretção ao longo da história em direção à escatologia. “O sujeito histórico deste processo é toda a Igreja. Ela conserva, transmite, enriquece essa tradição de fé, oriunda dos apóstolos” (Libanio, 2014, p. 407-408). Trata-se sempre de um processo dinâmico, englobante e vivo que abarca a Igreja em sua integralidade.

A tradição da revelação (em palavras e em atos) na Igreja não se faz de modo mecânico, como se passa de mão em mão uma coisa morta. Está essencialmente ligada ao seu sujeito vivo: a Igreja, povo vivo de Deus sob a guia do ‘ministério’ eclesial, ambos sob a direção suprema do Espírito do Senhor glorificado. Toda a Igreja é o sujeito da tradição: a Igreja que crê, ora, ama e espera; a Igreja que celebra os mistérios litúrgicos; a Igreja cujos ministros e cujo povo se entregam ao apostolado; a Igreja que reflete sobre a sua fé. Todos colaboram, mas cada um no seu lugar e a seu modo (Schillebeeckx, 1968, p. 24-25).

E a Igreja é o sujeito histórico da Tradição tão somente porque nela está presente e age o Espírito Santo. O Espírito está presente no cristão e na Igreja. Para Paulo e João o Espírito é concedido

⁸ “Mesmo sendo extensão e progresso, a Tradição permanece ligada a suas raízes. A garantia divina de sua fidelidade é o Espírito Santo. A teologia católica jamais cessou de proclamá-lo: sua doutrina sobre a Tradição é incompreensível e seria inconsistente se não se atribuísse à ação do Espírito Santo, prometido à Igreja, o valor e o papel que ela lhe atribui” (Congar, 2003, p. 159).

à Igreja (Jo 14,16; Rm 5,5; 1Cor 12,4-11). A própria Igreja não existiria sem a adesão à Boa Nova do Evangelho possibilitada pelo Espírito Santo (1Cor 12,3) (Miranda, 2017, p. 39). Nada na Igreja é realizado sem a ação do Espírito, o que significa dizer que o agir da Igreja – incluído, evidentemente, o seu ser sujeito da Tradição – está fundamentado na epiclesse, pois a vida da Igreja em sua integralidade é ‘*epilética*’ (Congar, 2005, p. 353-362).

O “Espírito Santo está presente e ativo ao longo da história da Igreja, iluminando e orientando seus membros a corresponder aos desafios socioculturais de cada época, ocasionando configurações eclesiais diversas da *mesma* Igreja de Jesus Cristo” (Miranda, 2017, p. 28). É o Espírito que assiste e guia a Igreja ao longo da história para que ela possa transmitir a Tradição da fé recebida em contextos diversos, na medida em que continuamente aprofunda a apropriação, reinterpretação e comunicação da fé recebida, sendo e permanecendo a Igreja de Jesus Cristo. Desta forma, a Igreja vive e realiza a sua missão de ser sujeito histórico da Tradição da fé que da Trindade ela a recebeu como dádiva a ser custodiada e transmitida a um tempo com fidelidade e criatividade.

3. A fonte perene da qual jorra água sempre nova

A partir da reflexão realizada anteriormente, é possível afirmar que “o Espírito é o sujeito transcendente da tradição viva e garantia de sua fidelidade (2Tm 1,14), podendo ser considerado *princípio constituinte* da Igreja” (Miranda, 2017, p. 39). E assim, passamos a abordar uma dimensão fundamental da temática que nos ocupa, a saber: uma adequada compreensão da Tradição viva da Igreja não só possibilita, mas requer uma autêntica e frutífera renovação eclesial a fim de possibilitar que a Igreja continuamente cumpra sua missão na história. De fato, o “problema da Tradição implica necessariamente a espinhosa questão de sua interpretação para cada nova geração, para que ela continue viva. Uma tradição só é viva se entendida na dupla fidelidade à experiência vivida no passado e à experiência possível de ser vivida no presente” (Libanio, 2000, p. 374). Abordar-se-á dois aspectos fundamentais para aprofundar a relação entre Tradição e renovação eclesial: o tradicionalismo católico e o *aggiornamento*.

3.1 O tradicionalismo: um empecilho à Tradição

Um dos fenômenos observados na atualidade é o (re)surgimento, com nova força e vigor, do que se pode chamar de tradicionalismo. Trata-se de um fenômeno com diversas expressões ou vertentes, desde o religioso ao político. Aqui nos interessa, sobretudo, o tradicionalismo católico em sua expressão teológica e eclesial. O tradicionalismo compreende a Tradição como algo fixo e estático, uma realidade imutável a ser conservada intactamente.

Não há para os tradicionalistas católicos *aggiornamento* possível na Igreja, uma vez que tudo já está definido dogmaticamente, com a firme argumentação da fé e da razão. Resta à Igreja expor e aplicar a verdade que já está previamente definida, formulada como doutrina fixa e transmitida pela autoridade como verdade a ser seguida por todos os fiéis. A Igreja, por sua vez, ocupa um lugar central e uma ligação imediata com a tradição e, por conseguinte, com a revelação divina na história humana. Toda renovação se apresenta como ruptura com esse regime estável de verdade e de vida (Passos, 2020, p. 12).

Neste contexto é importante notar que o tradicionalismo católico que surge nas mídias sociais e nas mais diversas expressões e grupos eclesiais apresenta-se sempre como os autênticos e verdadeiros católicos. A sua interpretação e fundamentação da Tradição cristã é apresentada como

a única autêntica e universal, que deve ser aceita como regra inquestionável e, por isso, por sua própria natureza está para além de toda e qualquer crítica (Passos, 2020, p. 23)⁹. A Tradição cristã, na perspectiva dos tradicionalistas, é compreendida como realidade estática, a qual não admite reinterpretação ou aprofundamento.

Os que entendem a tradição da fé como um passado fossilizado a ser preservado, afirmam que a verdade é sinônimo de passado, que a transmissão da fé é repetição exata da fórmula antiga e que o hoje deve ser a pura repetição do ontem, sem nenhuma alteração. Essa visão de tradição é, na verdade, tradicionalismo: modo de compreender a tradição como conservação (conservadorismo) e como repetição de uma compreensão formulada no passado (fundamentalismo) (Passos, 2020, p. 49-50).

Facilmente se constata que os tradicionalistas, em sua hermenêutica da Tradição, adotam um modelo histórico e o tornam absoluto, imutável.

A verdade, a moralidade e a espiritualidade são essências imutáveis, mas que se expressam em modelos históricos paradigmáticos a serem adotados na vida do católico como único meio seguro de viver a fé dentro da relatividade histórica, por definição portadora de erros. A ilusão de um modelo histórico de verdade geral a ser reproduzido em todo o tempo e lugar, portanto, de uma espécie de história realizada ou de fim da história, constitui o fundamento contraditório do tradicionalismo, uma vez que adota como cânone um modelo delimitado historicamente como qualquer outro. É sobre o mito de uma época que os movimentos tradicionalistas se edificam e dele se tornam fiéis e missionários (Passos, 2020, p. 14).

Toda a busca por um retorno na história e a adoção de um período histórico como resposta para o presente, sem nenhuma hermenêutica, não passa de um equívoco que pretende prescindir do necessário discernimento do tempo presente, bem como do esforço e empenho, com autonomia, liberdade e responsabilidade, para construir o futuro.

Esta compreensão da Tradição cristã é problemática e teologicamente inconsistente. Em nenhum modelo ou período histórico a compreensão e transmissão da Tradição cristã, por mais frutífero e fértil que tenha sido, abarcou a totalidade do mistério divino a ser transmitido. E a própria Igreja, como sabiamente afirmou o eminente eclesiólogo Yves Congar, continuamente é edificada sob a ação vivificante do Espírito. “A Igreja não foi fundada somente na origem: Deus a constrói ativamente sem cessar. Exatamente esta é a ideia expressa em 1Cor 12” (Congar, 1989, p. 94). Com efeito, a Igreja de Jesus Cristo, pela atuação do Espírito Santo, continuamente está sendo constituída

⁹ Um aspecto importante a ser evidenciado para se compreender a lógica de fundo do tradicionalismo, nas suas diversas expressões, é o fato de que a “consciência tradicionalista fundamenta-se na certeza da verdade única, fixa e imutável revelada na história ou acessada pela razão e consubstanciada em um modelo histórico de pensamento e de práticas eclesiais e políticas”. E alguns dos pressupostos que sustentam esta consciência são: “1º) a convicção sobre uma verdade revelada, comunicada no presente por meio de determinados padrões objetivos e visíveis; 2º) a identificação entre formulação e verdade (a verdade é exatamente o que se encontra formulado); 3º) a concentração no tempo que se localiza entre as fontes e o presente (como tempo único que comunica a única verdade); 4º) a crença na santidade do passado e na precariedade do presente sempre ameaçador; 5º) a obediência irrestrita a uma autoridade superior, que reproduza o parâmetro de verdade adotado, e rejeição às autoridades que proponham renovações; 6º) a necessidade de reproduzir o padrão normativo do passado no presente, sob pena de transgressão e pecado; 7º) a adesão e reprodução de uma identidade – doutrinal, moral, estética e política – como regra social anterior e superior a qualquer decisão individual; 8º) a rejeição a toda diversidade como perigosa à vivência da verdade; 9º) a afinidade social, cultural e política com as ideologias e regimes pautados na conservação, na disciplina e no integristismo; 10º) a militância grupal na dinâmica da homofilia (amor ao igual); 11º) a rejeição de todas as dinâmicas participativas pautadas em princípios de igualdade, democracia e construção de consensos” (Passos, 2023, p. 91-92).

(gerada, formada) na história. O Novo Testamento é muito claro quanto à contínua e necessária ação do Espírito para que a Igreja exista e cumpra a sua missão:

o Espírito Santo é princípio constituinte da Igreja, a saber, sem ele não haveria simplesmente Igreja, pois não teríamos fé em Jesus Cristo (1Cor 12,3), nem haveria Batismo (1Cor 12,13), ministérios ordenados (1Tm 4,14; 2Tm 1,6), perdão dos pecados (Jo 20,22s), tampouco saberíamos rezar como se deve (Rm 8,26), viver como cristãos (Gl 5,25) ou esperar uma vida eterna (Rm 8,11). Sendo assim, a adesão na fé, a escuta da Palavra de Deus como tal, a oração, a recepção dos sacramentos, a vida cristã, a missão da Igreja, tudo isso depende da ação do Espírito Santo. A Igreja não foi fundada somente em sua origem, porque Deus a constrói ativamente sem cessar (Miranda, 2019, p. 94).

A problemática da compreensão da Tradição de fé da Igreja como algo fixista e fossilizado torna-se ainda mais evidente ao considerarmos a realidade da verdade cristã e sua apreensão e interpretação na história. Com efeito, a verdade cristã manifestada definitivamente em Jesus Cristo é apreendida na história de modo processual, contínuo e inacabado. A verdade cristã se opõe a toda e qualquer pretensão de assimilação definitiva e acabada, isto porque “as verdades da fé estão caracterizadas pelo ‘já’ e pelo ‘ainda não’”. Já porque, em Jesus Cristo, temos a revelação definitiva de Deus; ‘ainda não’ porque não temos essa verdade em toda a sua plenitude. A distância entre Deus e nós apenas nos permite expressá-lo de modo análogo e fragmentário” (Miranda, 2019, p. 39)¹⁰. Este dado é afirmado pelo Apóstolo Paulo com clareza: “Agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face. Agora meu conhecimento é limitado, mas, depois, conhecerei como sou conhecido” (1Cor 13,12). Esta mesma ideia é apresentada pelo documento Diálogo e Anúncio (n. 49): “a plenitude da verdade recebida em Jesus Cristo não dá aos cristãos, individualmente, a garantia de terem assimilado de modo pleno essa verdade”, dado que, em última instância, “a verdade não é algo que possuímos, mas uma pessoa por quem nos devemos deixar possuir. Trata-se, portanto, de um processo sem fim”. Na verdade, pode-se acrescentar que nem individual nem coletivamente, uma vez que em relação à Tradição dos Apóstolos, conforme anteriormente já afirmado, “cresce o conhecimento tanto das coisas como das palavras que constituem parte da Tradição” de tal modo que a Igreja, “no decurso dos séculos, caminha continuamente para a plenitude da verdade divina” (DV 8).

O teólogo João Batista Libanio recorda que “a Igreja não se entende fora da Tradição. Ela é sempre tradicional, mas não tradicionalista”. A Igreja é “tradicional porque acolhe a fé como um dom que vem sendo vivido ao longo dos tempos, e o Espírito no-lo comunica hoje no seio dessa Tradição”. Mas ela não é tradicionalista exatamente porque “a Tradição está sempre sendo atualizada pelos diversos sujeitos, ministérios e carismas” (Libanio, 2000, p. 377-378).

Além disso, é necessário frisar que a verdade a ser transmitida, embora realmente presente nas mais diversas testemunhas da Tradição, sempre a excede (Congar, 1964b, p. 335-382). Por isso, a própria Tradição será sempre uma realidade que gera história e abre o futuro. “A tradição não é uma peça de museu e deve ser transmitida somente em vista do futuro. Ela é conservada assimilando-a ao presente para o futuro. Não se pode conservá-la a não ser renovando-a” (Kasper, 1989, p. 80).

A compreensão da verdade revelada cresce na história. É suficiente citar a permissão para eliminar os inimigos da fé, o uso da tortura na Inquisição, a aprovação do comércio escravagista,

¹⁰ “A verdade sempre buscada vai sendo reformulada no tempo e no espaço. Não há formulação que subsista de modo imutável e sem revisões dentro da história em permanente modificação. [...] A verdade concluída é uma ilusão confortadora que não corresponde à realidade” (Passos, 2022, p. 60-61). É decisivo ter claro que tanto o dogmatismo, que identifica a verdade com uma única formulação, quanto o relativismo, que nega a possibilidade de qualquer formulação da verdade, são posturas hermenêuticas insustentáveis.

a proibição da liberdade religiosa, entre outros. Isso nos faz perceber que “a história é um fator importante no desvelamento da verdade” (Miranda, 2019, p. 65). Donde se segue que a perspectiva hermenêutica tradicionalista, que compreende a Tradição cristã como algo estático, não só contém clara inconsistência teológica, senão que se evidencia como um empecilho à própria fidelidade à verdade revelada contida e transmitida pela Tradição cristã, a qual é sempre uma realidade viva, dinâmica e que tende à plenitude escatológica. “Toda pretensão de já ter chegado, ‘todo arrebatamento da consumação’ não passa de tentação e freio” (Forte, 2003, p. 111).

3.2 O *aggiornamento*: expressão de fidelidade à Tradição

Desde que o Papa São João XXIII e o Concílio Vaticano II deram início ao processo de *aggiornamento* (Almeida, 2015, p. 8-9) da Igreja pode-se dizer que teve início também um complexo debate, em grande medida ainda em curso, sobre a relação entre Tradição e renovação. Esta questão se reveste de importância fundamental, tanto mais quando se tem presente que para a “teologia católica a tradição é considerada princípio e critério irrenunciáveis de conhecimento teológico” (Kasper, 1989, p. 76), bem como da vida cristã e do anúncio do evangelho como tal.

Uma compreensão vital e histórica da Tradição possibilita compreender que esta, para ser apreendida, necessita sempre ser interpretada e atualizada. Isto em nada implica rompimento com o passado, mas tão somente uma necessidade intrínseca do próprio processo de transmissão, em fidelidade criativa e dinâmica, da Tradição.

A renovação da Igreja, fundada na compreensão da Tradição como realidade viva e dinâmica, não se dá à margem da atuação do Espírito Santo, da mesma forma como a transmissão da Tradição não se realiza senão pela ação do Espírito, conforme explicitado acima. Tocamos aqui em um dado bíblico-teológico fundamental. O fato é que o Espírito não atua numa espécie de “vazio antropológico”, ou ainda, num ser humano em geral, porque este não existe, uma vez que todo ser humano se encontra inserido num contexto sociocultural, num momento histórico preciso e, por consequência, tem a sua disposição uma linguagem própria, mas limitada, com a qual as verdades da fé serão expressas. Esta série de elementos que constituem o seu mundo necessariamente influencia sua compreensão da fé, suas expressões, bem como a própria organização institucional de sua comunidade eclesial (Miranda, 2019, p. 44). Estes elementos evidenciam que toda renovação eclesial é complexa e abrangente, implicando uma série de componentes entre si interligados.

A renovação deve atingir sejam as mentalidades e expressões, sejam as celebrações e estruturas, pois elas se condicionam mutuamente. A permanência de uma modalidade de estrutura já obsoleta dificulta muito que haja uma real mudança na mentalidade dos fiéis, e vice-versa. Deste modo, por exemplo, a liturgia tanto pode ajudar como dificultar as novas iniciativas do Espírito. Não esqueçamos que a Igreja tem essencialmente uma índole sacramental: deve deixar transparecer em sua realidade a salvação de Jesus Cristo, a realização do Reino de Deus, o projeto do Pai de uma humanidade vivendo na justiça e na fraternidade. Entretanto, ela só poderá ser sinal se for devidamente captada e entendida por seus contemporâneos (Miranda, 2019, p. 44-45).

Abordar a temática da Tradição de fé da Igreja e sua relação com o processo de renovação eclesial requer considerar a importância do carisma fundacional da Igreja como realidade que continuamente exige dela *aggiornamento* para manter a força fontal e vivificante do seu carisma.

Todas as instituições cristãs, com seus muitos modelos históricos, existem por causa do dom salvífico que as fundamenta permanentemente. O carisma não constitui apenas o começo, mas

a origem permanente que lhes dá legitimidade. Esse dado constitutivo da Igreja foi, ao mesmo tempo, a razão de sua estruturação institucional e a razão de suas rupturas. É a força permanente de renovação da Igreja que se mostrou de muitas formas no decorrer de sua história como motor das transformações mais criativas. Em nome das fontes puras do cristianismo, os reformadores apresentaram suas propostas de renovação. O carisma cristão sempre pressionou a instituição eclesial a renovar-se para ser mais coerente com seu fundamento (Passos, 2020, p. 211).

A fidelidade ao carisma exige renovação. A Tradição de fé da Igreja é essencial e necessariamente uma realidade viva e dinâmica, pois trata-se da transmissão de uma experiência. Dado que o carisma continuamente dá vida à Igreja, a Tradição da Igreja, cuja razão de ser é a transmissão do carisma fundacional, está a serviço desta dinâmica carismático-fundacional que continuamente requer que a Igreja se renove como expressão de fidelidade ao seu carisma fundante.

A compreensão do mistério de Jesus Cristo é, necessariamente, sempre progressiva.

Como só podemos ter a verdade infinita de Deus na limitação das palavras humanas, estas últimas apontam corretamente para o mistério sem a pretensão de esgotar sua compreensão. Assim, temos o *todo no fragmento*, a verdade da fé no instrumental linguístico que dispomos e a partir do nosso atual horizonte de compreensão. Nenhum conceito, estrutura mental ou jogo de linguagem pode reivindicar *a priori a mediação exclusiva* da articulação da fé. Afirmar a definitividade da revelação de Deus em Jesus Cristo, já que o Reino definitivo irrompe em sua pessoa e tem sua realização antecipada em sua ressurreição, não exclui que a *expressão* dessa verdade possa se desvelar ao longo da história, aprofundando-se, esclarecendo-se e completando-se a partir das várias perspectivas e leituras subsequentes. Aqui já aparece a importância tanto da consciência histórica quanto da hermenêutica para a compreensão do cristianismo (Miranda, 2019, p. 41).

Isto implica e requer, necessariamente, que a Igreja progrida na compreensão da verdade do cristianismo e encontre novas formas para expressá-la, o que requer contínua reconfiguração para dizer o mistério de Cristo em cada época. E mais, afirmar que a Igreja progride na compreensão do mistério cristão está na base da compreensão da Tradição como realidade viva e dinâmica. Com efeito, “a verdade da fé se manifesta em seu *caminhar* ao longo da história, vetando assim qualquer sistema que pretendesse se equiparar à autêntica ortodoxia”. Esta afirmação tem importância e implicações fundamentais na medida em que “desacredita qualquer tentativa de *aprisionar* a fé numa compreensão ou numa formulação de determinada época, impedindo que a riqueza da fé possa melhor transparecer nas ulteriores complementações e aprofundamentos” (Miranda, 2017, p. 19).

A reflexão até aqui realizada nos permite dar um passo à frente e abordarmos o tema da missão da Igreja. A ação salvífica de Deus é oferecida, concretiza-se e é acolhida por um ser humano histórico, situado num determinado contexto sociocultural específico. Este dado nos remete a uma verdade mais ampla, segundo a qual “toda ação salvífica de Deus deve ser captada como tal pelo ser humano para poder ser acolhida na fé” (Miranda, 2017, p. 49-50). Vê-se, pois, que a renovação eclesial responde a uma necessidade diretamente ligada ao núcleo da missão da Igreja: transmitir a fé de um modo compreensível ao ser humano de cada época. Sendo assim, a Igreja “muda para poder continuar sendo Igreja: sinal e sacramento da salvação de Jesus Cristo, não só como verdade teológica, mas como realidade visível que assinala realmente o que é” (Miranda, 2017, p. 51). Na verdade, a transmissão da fé em si mesma reclama renovação:

a transmissão do mistério da salvação na contingência histórica – e não outro tempo e outro espaço – é sempre transmissão que se renova, jamais fixada em modelos imutáveis, mesmo quando está pautada em parâmetros canônicos: instrumento para medir e confrontar o mistério com a realidade presente; jamais para condensar o mistério em uma única linguagem e em uma única fórmula fixa. A transmissão dessa fé é sempre renovada. Esse é o significado da tradição que se distingue e se opõe ao tradicionalismo. A tradição guarda o passado e discerne o presente, no mesmo ato de fidelidade que visa oferecer o conteúdo fundamental da fé a cada época e lugar. É linguagem que se renova ao transmitir e transmite ao se renovar (Passos, 2020, p. 231).

O Concílio Vaticano II evidenciou que a renovação eclesial é uma genuína expressão da fidelidade da Igreja a Jesus Cristo ao afirmar que “toda a renovação da Igreja consiste essencialmente na maior fidelidade à própria vocação” e, por isso, a “Igreja peregrina é chamada por Cristo a essa reforma perene” (UR 6), com plena consciência de que ela está “sempre necessitada de purificação” e continuamente “dedica-se à penitência e à renovação” (LG 8). Donde se segue que toda autêntica renovação eclesial é manifestação da fidelidade da Igreja à vocação recebida do Senhor de transmitir a oferta salvífica universal que ela recebeu do Pai, pelo Filho no Espírito.

Além dos aspectos esboçados acima acerca da problemática da relação entre Tradição cristã e renovação eclesial, convém frisar também que, como observa Passos, o cristianismo consiste na entrada do eterno no tempo, na história, no provisório. A fé cristã não constitui “uma abertura do eterno para além do tempo presente, mas, precisamente o contrário, uma abertura para o presente, onde se faz presente na carne do próximo o próprio Ressuscitado e onde sopra o seu Espírito que anima a vida, ilumina as mentes e aquece os corações”. Eis porque o “cristianismo é um caminho pelo provisório e não uma fuga para o definitivo” (2020, p. 207-208). Aqui trata-se de compreender que o cristianismo, que contém uma verdade perene, entra na história e é aí que esta verdade é encontrada, discernida, vivida e a apropriação dela se dá marcada pela provisoriedade e historicidade das subjetividades que dela se apropriam sempre de modo parcial e aberto a ulteriores aprofundamentos.

A partir do exposto acima é possível afirmar que todo e qualquer autêntico *aggiornamento* não só é oportuno senão que necessário para que a Igreja mantenha a sua fidelidade à Tradição que recebeu do Pai, pelo Filho no Espírito. “Nada exige tanto uma transformação quanto a lealdade com a origem” (Böttigheimer, 2014, p. 154)¹¹. O *aggiornamento* da Tradição é, na verdade, expressão de ortodoxia. “Portanto, em vez de a ideia de ‘desenvolvimento’ ser heterodoxa, como tantos crentes temem, é o fixismo (tanto o do historiador que pretenda captar a verdade da Revelação em sua primeira redação, como o do especulativo que queira encerrar a infinita realidade em uma síntese acabada, como se em um dado momento da história o espírito do homem tivesse secado o espírito de Deus). É o fixismo, dizemos, o que constitui uma heresia virtual” (Blondel, 2004, p. 147-148).

No centro da compreensão da identidade e missão de Jesus Cristo está o Reino de Deus. Trata-se de uma categoria central para o cristianismo. E a realidade do Reino de Deus, que é essencialmente dom e, ao mesmo tempo, tarefa e missão dos cristãos, tem como uma de suas características fundamentais estar já realmente presente na história, mas jamais de forma plena ou acabada. Ou seja, o Reino de Deus está sempre e necessariamente aberto ao futuro. Isso implica que toda e qualquer tentativa de absolutizar um período histórico, uma configuração eclesial ou mesmo um modo de apreender a verdade cristã revela-se contrária ao dinamismo mais profundo do Reino

¹¹ Segundo o compositor Gustav Mahler, a tradição é a transmissão do fogo e não a adoração das cinzas (*apud* Böttigheimer, 2014, p. 154).

de Deus, que tende à plenitude vindoura em Deus¹². Sendo assim, é plausível afirmar que o *aggiornamento*, em seus múltiplos aspectos, quando legítimo não só não fere a Tradição cristã, senão que é condição de possibilidade para que a Igreja permaneça fiel a ela em seu peregrinar histórico.

4. Redescobrir o frescor original do Evangelho

O Papa Francisco, desde o início de seu pontificado, vem propondo à toda Igreja um processo de renovação, seguindo as pegadas do Concílio Vaticano II (EG 26-27.30). Convencionou-se, inclusive, denominar o seu pontificado como uma nova etapa no processo de recepção e aplicação do Vaticano II. Na *Evangelii Gaudium* Francisco insiste que a Igreja deve renovar-se “a partir do coração do Evangelho” (EG 34-39), pois “sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual” (EG 11). Para Francisco, “a Igreja, que é discípula missionária, tem necessidade de crescer na sua interpretação da Palavra revelada e na sua compreensão da verdade” (EG 40). Além disso, reafirma a compreensão da Tradição como realidade viva, dinâmica e histórica ao frisar a importância de “exprimir as verdades de sempre numa linguagem que permita reconhecer a sua permanente novidade” (EG 41). Bem como insiste no fato de que as formulações do passado podem não mais fecundar o presente e nem ser entendidas pelas pessoas de hoje. Há tradições e costumes que podem ser belos, mas já não contribuem na transmissão da fé. Face a isso, não há por que ter medo de revê-los (EG 41-43).

Para o Papa Francisco a doutrina cristã chama-se Jesus Cristo. É ele a chave de leitura para toda e qualquer renovação eclesial e é a partir dele que as verdades da fé são vividas e tornam-se fonte de vida.

Diante dos males ou dos problemas da Igreja é inútil procurar soluções em conservadorismos e fundamentalismos, na restauração de condutas e formas superadas que nem sequer culturalmente têm a capacidade de ser significativas. A doutrina cristã não é um sistema fechado incapaz de gerar perguntas, dúvidas, interrogações, mas é viva, sabe inquietar, animar. Tem uma face não rígida, um corpo que se move e se desenvolve, tem a carne macia: a doutrina cristã chama-se Jesus Cristo (Francisco, 2015a).

E no discurso de abertura do Sínodo da família em 2015, o Bispo de Roma salientou aos participantes a importância de articular a doutrina da fé com a vida concreta. Afirmou que o Sínodo é uma expressão eclesial e, por isso, “é a Igreja que se questiona sobre a sua fidelidade ao *depósito da fé*, que para ela não representa um museu para visitar nem só para salvaguardar, mas é uma fonte viva na qual a Igreja se dessedenta para matar a sede e iluminar o *depósito da vida*” (Francisco, 2015b). Cabe à Tradição viva da Igreja fazer a ponte entre estes dois depósitos.

A tradição viva presta o serviço de vincular a vida que vem do Evangelho com a vida das pessoas de hoje com todas as suas dores, virtudes e vícios, [exatamente porque a] tradição é a construção

¹² “O cristianismo aguarda o definitivo no provisório, no devir dramático do tempo, na liberdade das escolhas que podem errar, no desafio da construção permanente. A história se abre como promessa de realização do tempo melhor, sempre melhor que o presente. A perda dessa reserva escatológica, expressa na busca da verdade, na busca do bem e na busca da vida mais perfeita, confina em modelos fechados e concluídos o que só pode existir como devir incessante. A noção genuinamente cristã de Reino de Deus ensina essa postura: nada do que possa ser historicamente estruturado pode reduzir a potência infinita do Reino que se enraiza na história e se desfeca em Deus, que conecta o relativo com o absoluto sempre incompleto. [...] O princípio clássico *Ecclesia semper reformanda* se embasa nessa perspectiva reinocêntrica, que nega todas as formas de eclesiocentrismo – de Igreja autorreferenciada, diria o Papa Francisco – que possam reivindicar o status de modelo concluído de vida eclesial” (Passos, 2020, p. 229-230).

permanente do diálogo entre as fontes da fé e a vida. É o rio que corre vivo desde a sua nascente para irrigar com suas águas as terras por onde passa (Passos, 2020, p. 220).

Conclusão

Este estudo buscou evidenciar que uma adequada compreensão da Sagrada Tradição da Igreja como realidade viva e dinâmica, que progride na história em direção à plenitude da verdade divina, não só é a condição de possibilidade do contínuo e necessário processo de *aggiornamento* da Igreja, mas exige dela que continuamente se renove para realizar com eficácia no mundo, em favor da humanidade, a missão recebida do seu único Senhor: anunciar e instaurar o Reino de Deus na história (LG 5).

Estamos vivendo um período eclesial em que se faz necessário continuar abordando a problemática teológica, institucional e pastoral referente à renovação eclesial. Para que a Igreja realize a sua missão de forma pertinente e possa apresentar o Evangelho “não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível” (EG 14), necessita aceitar renovar-se e purificar-se continuamente, ouvindo os sinais dos tempos e deixando-se interpelar por aquilo que o Espírito diz à Igreja (Ap 2,7).

A qualidade, autenticidade e frutos desta renovação eclesial tão necessária que sonhamos para este tempo que nos cabe viver em muito dependerá de uma adequada e consistente compreensão da relação entre Tradição e renovação na Igreja sob a assistência do Espírito. Uma coisa é certa: a fidelidade à Tradição cristã requer contínua renovação, atualização, reinterpretção e aprofundamento, guiando-se pelo paradoxo da inalterabilidade e do desenvolvimento.

As formas ou configurações históricas em que a Igreja expressou o seu ser (identidade) e o seu agir (missão), que em determinado contexto foram válidas e frutuosas, em face a novos contextos podem ofuscar a beleza do Evangelho. É atualíssimo o apelo dos bispos em Aparecida: “nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé” (DAp 365).

O sociólogo, filósofo e teólogo Tomáš Halík afirma, com rara lucidez, que Deus confere um caráter peregrino à nossa existência e que a verdade é sempre dinâmica e gera dinamismo e história:

o único a quem foi permitido dizer: Eu sou a verdade, disse também que é o caminho e a vida. A verdade que deixa de ser um caminho está morta. Pela fé, caminha-se eternamente para Deus, em quem o caminho e a meta não estão separados (2023, p. 53).

Sim, somos peregrinos já habitados pela Verdade, mas também, e na mesma intensidade, somos peregrinos em direção à Verdade, sempre maior do que nossa capacidade de conhecê-la, contemplá-la e vivê-la. Cabe-nos, portanto, deixar-nos habitar por ela e continuamente buscá-la. Este dinamismo expressa, em seu núcleo fundamental, a relação necessária entre Tradição cristã e renovação eclesial.

Lista de Abreviaturas e Siglas

DAp: Documento de Aparecida.

DV: *Dei Verbum*.

EG: *Evangelii Gaudium*.

LG: *Lumen Gentium*.

UR: *Unitatis Redintegratio*.

Referências

- ALMEIDA, José de. *Aggiornamento*. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2015, p. 8-9.
- BÍBLIA. Português. *A Bíblia de Jerusalém*. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2015.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. A Teologia Fundamental hoje: transformações a partir do Concílio. In: MURAD, Afonso; BAMBONATTO, Vera (Org.). *Teologia para viver com sentido: homenagem aos 80 anos do teólogo João Batista Libanio*. São Paulo: Paulinas: 2012, p. 27-48.
- BLONDEL, Maurice. *Historia y Dogma: sobre el valor histórico del dogma*. Madrid: Cristiandad, 2004.
- BOFF, Clodovis. *Teoria do método teológico*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- BÖTTIGHEIMER, Christoph. *Manual de Teologia Fundamental*. Petrópolis: Vozes, 2014.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a revelação divina*. Roma, 18 de novembro de 1965. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 25 mai. 2024.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja*. Roma, 21 de novembro de 1964. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html>. Acesso em: 25 mai. 2024.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Decreto Unitatis Redintegratio sobre o ecumenismo*. Roma, 21 de novembro de 1964. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.html>. Acesso em: 25 mai. 2024.
- CONGAR, Yves. *A palavra e o Espírito*. São Paulo: Loyola, 1989.
- CONGAR, Yves. *O rio da vida corre no Oriente e no Ocidente*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- CONGAR, Yves. *La tradición y las tradiciones: ensayo histórico*. San Sebastián: Dinor, 1964a.
- CONGAR, Yves. *La tradición y las tradiciones: ensayo teológico*. San Sebastián: Dinor, 1964b.
- CONGAR, Yves. *La Tradizione e la vita della Chiesa*. 3. ed. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2003.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 3. ed. São Paulo: Paulus; Paulinas; CNBB, 2007.

FISICHELLA, Rino. *La rivelazione: evento e credibilità: saggio di teologia fondamentale*. 8. ed. Bologna: Dehoniane, 2002.

FISICHELLA, Rino. Tradição. In: PACOMIO, Luciano (Dir.). *Lexicon: Dicionário Teológico Enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 760-761.

FISICHELLA, Rino. *A Tradição*. Brasília: CNBB, 2023.

FORTE, Bruno. *Teologia em diálogo: para quem quer e para quem não quer saber nada disso*. São Paulo: Loyola, 2002.

FORTE, Bruno. *A essência do cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2003.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO, Papa. *Encontro com os participantes do V Congresso da Igreja italiana (10/11/2015a)*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151110_firenze-convegno-chiesa-italiana.html. Acesso em: 25 mai. 2024.

FRANCISCO, Papa. *Discurso de abertura no Sínodo para a Família (05/10/2015b)*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151005_padri-sinodali.html. Acesso em: 25 mai. 2024.

GEFFRÉ, Claude. *Como fazer teologia hoje: hermenêutica teológica*. São Paulo: Paulinas, 1989.

GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.

GADAMER, Hans-Georg. *O problema da consciência histórica*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e método: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

HALÍK, Tomáš. *O entardecer do cristianismo: a coragem de mudar*. Petrópolis: Vozes, 2023.

KASPER, Walter. *Teologia e Chiesa*. Brescia: Queriniana, 1989.

LIBANIO, João Batista. *Eu creio, nós cremos: tratado da fé*. São Paulo: Loyola, 2000.

LIBANIO, João Batista. *Crer num mundo de muitas crenças e pouca libertação*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

LIBANIO, João Batista. *Teologia da revelação a partir da modernidade*. 7. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

LOPES, Geraldo. *Dei Verbum: texto e comentário*. São Paulo: Paulinas, 2012.

MIRANDA, Mario de França. *A reforma de Francisco: fundamentos teológicos*. São Paulo: Paulinas, 2017.

MIRANDA, Mario de França. *A Igreja em transformação: razões atuais e perspectivas futuras*. São Paulo: Paulinas, 2019.

PASSOS, João Décio. *A força do passado na fraqueza do presente: o tradicionalismo e suas expressões*. São Paulo: Paulinas, 2020.

PASSOS, João Décio. O tradicionalismo antissinodal. In: AQUINO JÚNIOR, Francisco de; PASSOS, João Décio (Org.). *Por uma Igreja sinodal: reflexões teológico-pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2022, p. 55-68.

PASSOS, João Décio. *Obstáculos à sinodalidade: entre a preservação e a renovação*. São Paulo: Paulinas, 2023.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO; CONGREGAÇÃO PARA A EVANGELIZAÇÃO DOS POVOS. *Diálogo e Anúncio* (19/05/1991). Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/interelg/documents/rc_pc_interelg_doc_19051991_dialogue-and-proclamatio_po.html>. Acesso em: 25 mai. 2024.

POTTMEYER, Hermann J. Tradição. In: LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. (Org.). *Dicionário de Teologia Fundamental*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2017, p. 840-845.

RUIZ ARENAS, Octavio. *Jesus, epifania do amor do Pai: teologia da revelação*. São Paulo: Loyola, 1995.

SCHILLEBEECKX, Edward. *Revelação e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 1968.

SOARES, Afonso M. L. Tradição. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (Org.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus; Paulinas, 2015, p. 978-985.

TRACY, David. *The analogical imagination: christian theology and the culture of pluralism*. London: SCM Press, 1981.

RECEBIDO: 25/05/2024
APROVADO: 23/07/2024

RECEIVED: 05/25/2024
APPROVED: 07/23/2024